

O Protocolo *Alien*: passos para um comunismo do estranho*

Frédéric Neyrat**

Tradução do original inglês de Igor Viana e Caio Hoffmann Cardoso Zanon

Resumo: “O Protocolo *Alien*” não é um manifesto, nem um programa, mas uma série de fórmulas metafísicas e metapolíticas sobre como a categoria do *alien* poderia fundar um comunismo que não seja centrado 1) na reapropriação de uma essência ou na delimitação de um território a fim de instalar um modo de vida estritamente local, 2) nem na crença em uma saída do geocapitalismo por meio da intensificação de sua lógica global: um comunismo *alien* recusa um recuo à identidade territorial tanto quanto à aceleração da alienação tecnocapitalista.

Palavras-chave: comunismo; estranho; *alien*; alienação; Alienoceno

Abstract: “The Alien Protocol” is neither a manifesto, nor a program, but a series of metaphysical and metapolitical formulas on how the category of *alien* could found a communism 1) neither centered on the reappropriation of an essence or the delimitation of a territory on which to install a strictly local way of life, 2) nor on the belief of a way out of geo-capitalism through the intensification of its global logic: an alien communism refuses a retreat to territorial identity as much as the acceleration of techno-capitalist alienation.

Keywords: communism; strange; alien; alienation; Alienocene

Nós nos tornamos dois amigos das estranhas
criaturas nas nuvens ... e agora estamos desprendidos
da gravidade da terra da identidade.
Mahmoud Darwish
Quem sou eu, sem exílio?

“Vocês não sabem onde eles estão”, diz a voz gravada, “escondidos sob as cidades ou já em uma estação orbital; nos subcomuns [undercommons] ou nos subcometas [undercomets];¹ nas árvores ou entre vocês, olhando para vocês enquanto vocês escutam, parecendo com vocês; a menos que eles estejam esperando por vocês no asteroide que você está tentando minerar, no planeta que você gostaria de colonizar ou na Terra, perto



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que sem fins comerciais e que o trabalho original seja corretamente citado.

* Tradução por Igor Viana e Caio Hoffman. O autor agradece a Emery Jenson por revisar o original inglês deste artigo.

** Professor Associado de Literatura Comparada na Universidade de Wisconsin-Madison. Foi Diretor de Programa no Collège International de Philosophie em Paris e bolsista na Cornell's Society for the Humanities. É editor da Alienocene e membro do Conselho Editorial das revistas Multitudes e Lignes. Site: <https://atoposophie.wordpress.com>.

¹ Sobre os undercommons e os undercomets, cf. o texto do autor: *Undercomets: on the structure of antagonism and the cosmo-geological field*, disponível em: <<https://illwill.com/undercomets>> (N. dos T.).

de um oleoduto. O comitê de boas-vindas pode ser bastante frio. Bastante gelado. Bastante hostil, queimando como um vulcão. Cada tentativa de impedir a remodelação capitalienista do universo gera seu próprio Protocolo Alien, sua política solar, sua subversão lunar, sua ferocidade transespécie, seu reservatório de imaginação, seu comunismo do estranho”.



As boas maneiras (Marco Dutra e Juliana Rojas, 2017)

o o o o o o o o o

“A cada leitura, a cada iteração, o Protocolo Alien não é mais o mesmo”, diz a voz gravada, “constantemente se reescrevendo – minha voz já não é mais minha voz. Uma música zumbe; ouve-se sons inumanos; o barulho de instrumentos inúteis; línguas desaparecidas persistindo apesar da propaganda; espectros que vivem intermitentemente; não aliens, mas formações-alien, seres movidos pela pulsão do estranho.”

Protocolo Alien, 1:

**Deixe a força alien ser,
liberte-a de sua captura colonial,
capitalista,
racial,
generificada,
tecnológica,
de modo que inerve um comunismo do estranho**

o o o o o o o o o

Advertência: “O Protocolo Alien” não é um manifesto, nem um programa, mas uma série de fórmulas metafísicas e metapolíticas sobre como a categoria do alien poderia fundar um comunismo que não seja centrado 1) na reapropriação de uma essência ou na delimitação de um território a fim de instalar um modo de vida estritamente local, 2) nem na crença em uma saída do geocapitalismo por meio da intensificação de sua lógica global: um comunismo alien recusa um recuo à identidade territorial tanto quanto à aceleração da alienação tecnocapitalista.

As fórmulas que este texto compila devem, portanto, ser coladas em documentos – quaisquer documentos – que possamos ler aqui ou ali e nos quais possamos escrever – *prôtokollon*, que significa etimologicamente “o que é colado primeiro”; um pouco como os lembretes que escrevemos com pressa porque temos medo de esquecer algo importante, medo de sermos varridos pela onda do estranho que vai submergindo

lentamente o universo e revelando, por trás do Antropoceno, um Alienoceno. Tomadas em pedaços de papel e transcritas neste ensaio, essas notas são baseadas em leituras (Frantz Fanon, Toni Morrison, Zakiyyah Iman Jackson, Karl Marx, Emmanuel Lévinas, Mark Fischer, Fred Moten, Gilles Deleuze) e são acompanhadas por imagens de filmes (*As boas maneiras*, *Aniquilação*, *A chegada*) e trechos de textos apresentados sem comentários (Will Alexander, Dénetem Touam Bona), fragmentos *aliens* “caídos de um obscuro desastre”.

A tese principal que desenvolvo aqui é a de que é melhor falar de uma força *alien* ou de um modo-*alien* do que simplesmente do *alien*, já que essa categoria pode ser captada pelos aparatos de poder e sua mortificante paixão pela identidade. Entre o *alien* como identidade e a alienação, própria das diferenças sem importância que, no entanto, alimentam o Princípio de Identidade, está um modo-*alien* que atravessa os estrangeiros cujo encontro um comunismo pode favorecer.

Protocolo Alien, 2: Atravessando as diferenças novamente contra o Princípio de Identidade

o o o o o o o o o o

Dialética fora do lugar e o jogo das cinco pulsões

Alien é um termo sujeito à força que se esforça por apreender, como se a própria palavra se irradiasse numa língua que se tornou estranha. O estranho torna-se familiar e o familiar torna-se opaco, incompreensível.

Distante, o *alien* de repente aparece muito perto de nós; visto de dentro, parece fora; por fora, nos lembra algo de dentro. O extraterrestre é o terrestre intensificado, e o humano sente suas raízes no céu, como as árvores.

Objeto de amor, devemos aprender a odiá-lo.

Alien maravilhoso, *alien* horrível.

Podemos aprender a negociar com ele (Octavia Butler), mas às vezes também devemos aprender a combatê-lo (Frantz Fanon).

“Como se eu falasse enquanto alguém separado da espécie, parece, à primeira vista, uma estonteante e encantatória arrogância carregando em seu rastro uma postura psíquica alien. Não é uma suposição, nem uma violação descarada telepática com pré-maturidade. Deixe-me dizer que existe uma grande debilidade dentro da circunstância humana, parece haver um cerco repetitivo corroído pela frontalidade abrasiva. E, é essa grande corrosão potencializada pela indução americana que é tolerada em seu núcleo pela razão devolutiva. Tal razão cria uma cinética da ilusão, em que o corpo esvaziado nunca chega à sua própria substantividade, sendo esta a política da alma como escassez interior corrompida, do cansaço como contínuo exemplo” (Will Alexander).²

² ALEXANDER, *Across the vapour gulf*.

Alien é um termo dialético que nos convida a recusar nos fixarmos na diferença ou na identidade, na imanência ou na transcendência. Mas é uma dialética que tende a escapar da máquina quando esta emperra, **/PULSÕES FÓRICAS, ou a comunicação do nada pelo uso de metáforas/** se repete e se contenta em transformar o negativo em positivo e o positivo em negativo, uma dialética sonolenta, inadvertidamente achatando as espirais nos círculos, **/PULSÕES DO SEM MARCA, ou imunizando-se – em vão – contra a morte/**, esquecendo os pontos do desenrolar, as mudanças de fase.³ Como se o *alien* tivesse que mudar sua matéria e sua forma somente quando necessário **/PULSÕES DE VIDA, ou o amor se afirmando através das formas/**, a partir daí criando seus próprios condutos, seus próprios canais, seu labirinto. Pois o *alien* às vezes se configura como uma figura segura, querendo ser como nenhum outro: um *alien* perfurador de solo, um *alien* imperial, um *alien* colonial **/PULSÕES DE MORTE, ou a destruição autonomizada/**, mudando tudo dentro dele – *alien* viral. Oposto a isso está um *alien* contraviral, não imunológico, mas excessivo, excedendo os quadros de transmissão, amaldiçoado, Bataille remasterizado por Baudrillard sob o olhar facetado da Tarântula Negra de Kathy Acker. *Alien* que nada diz, mas se corresponde a você, com um ar distante, cintilando entre as estrelas. *Alien* impenetrável, com uma forma de comunicação que só ele parece ser capaz de compreender. A menos que essa tentativa de comunicação seja apenas um jogo, um pentágono impossível de unificar, a aparência de uma mensagem, formulada por um *alien* e que talvez não signifique nada, ele não tem nenhuma intenção de significar, que não está realmente tentando falar com você, mas simplesmente existir, existir até o momento presente revelar sua infinitude – um *alien* que só estaria lá para lembrá-lo do enigma **/PULSÕES DO ESTRANHO, ou a existência como um jogo sem fundo/**.

o o o o o o o o o

“Você não sabe de onde eles vêm”, lê-se no folheto colado na Cúpula onde os Respirantes se refugiaram, “do além ou daqui de baixo, do amanhã ou do passado. Porque você não sabe que todo Protocolo Alien consiste em reunir o passado não realizado e o futuro que foi previamente abolido. Um Protocolo Alien não é tanto sobre onde se reunir, mas quando; é sobre os refugiados do tempo, aqueles que os Respirantes, com suas máscaras de oxigênio e drones, estão tentando por todos os meios exterminar”.

o o o o o o o o o

Construindo um Outro (Othering) = produzindo o Mesmo

Não se pode, portanto, identificar o *alien*; é exatamente o que, ontologicamente, não pode acontecer ao *alien*; e quando – politicamente, economicamente, racialmente, sexualmente – ainda assim acontece, quando alguém atribui uma identidade ao *alien*, é sempre uma catástrofe – operações policiais, sociedades de controle, sociedades de clarividência, indexação de cartões, facebooking, inclusões “plastificantes” (Zakiyyah

³ REICH, *Come out*.

Iman Jackson) e exclusões, assassinatos, etnocídios e genocídios / **PULSÕES DE MORTE/**.

Paradoxalmente, ou de acordo com a lógica de uma dialética não mais sobrecarregada, ou seja, fora do lugar (*hors-site*), uma dialética que se tornou tóxica, identificar o *alien* é uma questão do que Toni Morrison descreve com o termo *Othering*, consistindo em “construindo um Outro”, um “forasteiro” – uma construção que encontrou o seu Outro construído, por excelência, no escravo:

A necessidade de transformar o escravizado numa espécie estrangeira parece ser uma tentativa desesperada de confirmar a si mesmo como normal. [...] É como se eles [os proprietários de escravizados] gritassem: “Eu não sou um animal! Eu não sou um animal! Eu torturo os indefesos para provar que não sou fraco”. O risco de sentir empatia pelo estrangeiro é a possibilidade de se tornar estrangeiro. Perder o próprio *status* racializado é perder a própria diferença, valorizada e idealizada”.⁴

É quando o outro, que no entanto é apenas alteridade, apenas diferença em sua opacidade maravilhosa e perturbadora, é designado a uma identidade, quando sua diferença é essencializada, fixada, circunscrita, enjaulada em normas, quando o outro é forçado a ser sempre igual com os mesmos defeitos de sempre (“preguiça”... “astúcia”... “mentira”... “uma sexualidade bestial”... infelizmente conhecemos todos os estigmas da racialização) que, pelo contrário, aquele que apenas quer ser o mesmo – aquele que **/PULSÕES DO SEM MARCA/** fantasia sua identidade, acredita ser superior, protegido da morte e da alienação – acredita que é outro. Construir um Outro é se tornar o mesmo sendo o outro. Como podemos sair dessa armadilha do *Othering* que constrói o Outro ao negar a alteridade? Que pulsões devemos convocar tanto contra as pulsões dos sem marcas (imunizar-se, destruindo com a ajuda das pulsões de morte) e as pulsões de morte (destruir, imunizando-se com as pulsões dos sem marca)?⁵

o o o o o o o o o

As espécies de outros lugares e “os outros” (Frantz Fanon)

A solução para nosso problema poderia ser começar marcando diferenças fundamentais entre vários tipos de *aliens*. Pois existem *aliens* perigosos: eles vêm para conquistar, para derramar sangue, para explorar minas. E é de fato como *aliens* que Frantz Fanon, em *Os condenados da Terra*, define os colonizadores. Ao colonizar o território, o colonizador torna o sujeito colonizado algo não humano, pertencente a uma espécie diferente da humana, ele o “desumaniza” por meio de “termos zoológicos”.⁶

No entanto, não são apenas as comparações com o animal que estão em jogo. Fanon também nos diz de comparações com as plantas – “esse ritmo da planta” – e com o reino mineral – ver a “estrutura quase mineral” em que o “inovador dinamismo do mercantilismo colonial” está inscrito, a agressividade “sedimentada” do sujeito

⁴ MORRISON, *The origin of others*, pp. 29-30.

⁵ Sobre os sem marcas, cf. DERRIDA, *Faith and knowledge in Acts of religion*, editado por Gil Anidjar, e meu livro *L'indemne*.

⁶ FANON, *The wretched of the Earth*, p. 7. No Brasil, FANON, *Os condenados da Terra*, p. 59.

colonizado, a “pseudo-petrificação” do colonizado, sua “serenidade de pedra” e sua “permanência cristalina” etc. O mundo colonial é, portanto, “compartimentado”, “dividido em dois” e habitado por duas “espécies diferentes”, aquela que é zoologizada, vegetalizada, mineralizada e aquela que pode se dizer humana:

Nas colônias, o estrangeiro [*l'étranger venu d'ailleurs*, o estranho vindo de outro lugar] se impôs com a ajuda dos seus canhões e das suas máquinas. A despeito da sua pacificação [domesticação] bem-sucedida, apesar de sua apropriação, o colonizador permanece sempre um estranho [*un étranger*]. Não são as fábricas, as propriedades ou a conta bancária que caracterizam principalmente a “classe dirigente”. A espécie dirigente é antes de mais nada a que vem de fora [*celle qui vient d'ailleurs*, aquela que vem de outro lugar], diferente da população indígena [*celle qui ne ressemble pas aux autochtones*, aquela que não se assemelha aos autóctones], “os outros”.⁷

Podemos notar que o colonizador, ao final de sua operação de construção de um Outro (*Othering*), não parece se tornar verdadeiramente humano. Daí este hiato violento:

1) Pelo processo de rejeição do sujeito colonizado da humanidade, ou – simetricamente – pela inclusão do colonizado na humanidade no modo de sua bestialização,⁸ o colonizador se identifica como a encarnação ideal (estável, exceto pela necessidade de mudança imposta a quem tem que se adaptar ao mundo moldado pelo colonizador) da humanidade;

2) Mas o que o colonizado conhece é o outro lado do processo imposto pelo colonizador: este não muda depois que ele se apropria de forma sangrenta do território. Aos olhos do colonizado, o colonizador não é um ser humano, é aquele que vem de fora, aquele que permanece um *alien*. Ele é, portanto, um *alien* que finge ser, e definir, o humano.

A lógica do *alien* em uma forma humana, portanto, não é necessariamente uma lógica da ficção científica; ou a ficção científica deve ser repensada a partir do esquema colonial. Pense por exemplo em *O homem que caiu na Terra* (Nicolas Roeg, 1976): após um pouso forçado na Terra enquanto buscava água para seu planeta seco, o personagem, interpretado por David Bowie, é explorado, humilhado e acaba como alcoólatra – isso é o que acontece com um ser considerado ilegitimamente humano. Enquanto ele é submetido a experimentações bárbaras, seus olhos de aparência humana são soldados aos olhos alienígenas que eles outrora abrigavam: ele agora é prisioneiro de uma forma humana diminuída, que perdeu a capacidade de ser *alien*, de apresentar sua interioridade *alien* – ele foi despojado de sua força *alien*.

E é de fato a duas formas de alteridade que o texto de Fanon nos apresenta:

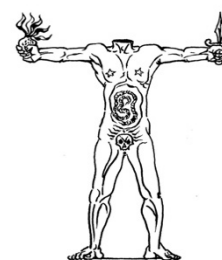
1) A das espécies que vêm de fora, o *alien* colonial vindo da Europa, o *alien* imperial que se espalha dos Estados Unidos da América etc.;

2) E a dos “outros”, os ditos “autóctones (nativos)”, aqueles para quem o *self* (auto) vem da Terra (*khthôn*).

⁷ FANON, *The wretched of the Earth*, p. 5. No Brasil, FANON, *Os condenados da Terra*, pp. 55-57.

⁸ Cf. ZAKIYAH, *Becoming human*, pp. 23, 27 e 35.

No entanto, pode-se argumentar que Fanon colocou “os outros” entre aspas por um motivo preciso: são os outros do colonizador, os outros do processo de construção de um Outro (*Othering*), os outros que são rejeitados e identificados como “os outros”, integrados pela própria operação de rejeição. Sem dúvida – mas vamos oferecer ao colonizador o monopólio do *alien*, da alteridade? Então não haveria outro real senão aquele encarnado pela exo-espécie que veio para explorar e escravizar? Talvez seja preferível afirmar que o *self*, o *self* dos nativos de Fanon – o auto – desses “autóctones” – que são “outros”, é muito mais estranho do que os colonizadores acreditam. Pois eles são animais, plantas e pedras, eles têm essa estranheza de seres sem uma Id-entidade, ao passo que é a identidade de uma não-humanidade ou de um quase humano – uma humanidade fracassada – que o colonizador tenta impor a eles. Eles são “este bando sem cabeça e sem cauda”, humanos que de alguma forma não são animais o suficiente, pessoas animalizadas para quem “a descolonização é verdadeiramente a criação de novos homens”, “uma nova linguagem e uma nova humanidade”. Eles são uma espécie de humanos que vocês nunca viram antes e que não podem de forma alguma ser reduzidos a sujeitos autóctones, porque a própria Terra será diferente quando, uma vez livres do *alien* colonial, eles se tornarem esses novos humanos.



Novos humanos? Ou outro tipo de *alien*? Um “*humalien*”? Um extraterrestre na superfície terrestre? Um sujeito heteróctono? Na cosmo-especulação que proponho em vez de uma narrativa de ficção científica, não é o *alien* tomando uma forma humana que estou tentando pensar de agora em diante, mas o *alien* que revelaria outra forma de humanidade – a menos que seja do próprio humano que precisemos nos afastar, tornando-nos ainda mais animais, vegetais, minerais, ainda mais acéfalos, de modo a incorporar o intelecto de outra maneira, em matilhas, na forma cristalina de um sonho não moderno.

“O ‘*cimarron*’ é um escravo fugitivo..., um homem que, em sua corrida louca, arranca seu uniforme de servo para enfrentar a sombra listrada da folhagem. Sua libertação procede de um devir-selvagem, uma imersão na floresta que o torna uma criatura silvestre... O afastamento é um processo paradoxal: escapar do poder animal do senhor – da condição de gado humano – requer um devir-animal, uma proliferação na forma de matilhas, de hordas, de multidões indóceis e imperceptíveis. De presa a predador.”⁹

o o o o o o o o o

Devires alienígenas (sobre o Afrofuturismo)

Afinal, por que alguém desejaria ser humano? Não é em nome de um ideal do humano (estável, idêntico, imune, Branco) que humanos são expulsos do *status* de humano ou aprisionados numa humanidade falida? Por que não, então, devir algo além-do-humano, um *alien* radical que — diferentemente do *alien* colonial — tem desejos cosmológicos, sonhos para-humanos e anti-humanos, visões metaterrestres e

⁹ BONA, *Fugitif*, *où cours-tu?*, pp. 25 e 34.

transterrestres? Essa é a proposta da perspectiva Afrofuturista, desde seu início com o extravagante músico e poeta Sun Ra, que afirma ter nascido em Saturno ou ser descendente de uma raça de anjos.¹⁰ A Terra dos humanos não quis acolhê-los? Não havia lugar para sujeitos Negros? Então nos deixem partir, Sun Ra canta, porque este mundo não é nossa casa.

Mas a ambiguidade fundamental do *alien* não é menos central à cultura Afrofuturista. Pois, como mostrou Mark Sinker no seu artigo pioneiro de 1992, *Amando o alien: antecipando o pouso*, o apocalipse da escravidão é equivalente a uma abdução alienígena, sendo os colonizadores comparáveis a extraterrestres.¹¹ Desse modo, o *alien* ainda é, como já o era para Fanon, um ser perigoso; mas é um ser com quem talvez seja necessário negociar, como propõe Octavia Butler em *Xenogênese*. Nessa famosa trilogia, uma raça alienígena salva a espécie humana da extinção completa, mas força o compartilhamento de genes entre as espécies, causando mutações em ambas e transformando os humanos numa “humanidade alienígena”.¹²

Este duplo devir-*alien* narrado por Butler nos ensina algo importante: nunca devemos dizer *alien* no singular, *alien* é sempre uma multiplicidade. Inversamente, no momento em que o *alien* se torna o Uno, no momento em que ele acredita ser solitário e se constrói enquanto tal, único e sem marcas, intocável, a guerra (de extermínio) é iminente.

o o o o o o o o o

Comunismo, aceleracionismo e a crítica da alienação

Tendo elucidado a ambiguidade da realidade-*alien*, eu gostaria de propor uma releitura da frase de Kodwo Eshun que define maravilhosamente a essência do Afrofuturismo: “Para longe da alienação. Em direção aos braços do *alien*”.¹³ Nela, a oposição entre *alien* e alienação é bem clara, e parece indicar um possível caminho para escapar da alienação: não em direção a mais identidade, mais *self*, mais reapropriação, e sim em direção a mais diferença, mais alteridade, mais desapropriação. Essa interpretação seria compatível com as teses aceleracionistas: para escapar do capitalismo, não é necessário se retirar dele, e sim ir para além dele desde dentro, liberar a inventividade que ele limita, “a única saída é passar por dentro” — ou seja, como Matt Colquhoun comenta em sua bela edição das intensas e tocantes últimas conferências de Mark Fisher, “a única saída é seguir adiante, no tempo e na história. Não há como voltar para o passado reificado”.¹⁴ Assim, só se escapa da alienação acelerando seu processo histórico, devindo ainda mais *alien*, não tentando reconquistar uma espécie de essência pura, não-histórica e, nesse sentido, não-alienígena, não estranha [*alien*] a “si mesma”.

¹⁰ Cf. meu ensaio *The black angel of history*.

¹¹ Sobre esse tema, cf. SINKER, *Loving the Alien*. No Brasil, SINKER, *Amando o alien*.

¹² BUTLER, *Lilith's brood*, p. 449. No Brasil, a trilogia *Xenogênese* foi publicada em três volumes separados (*Despertar*, *Ritos de passagem* e *Imago*) pela editora Morro Branco.

¹³ ESHUN, *More brilliant than the sun*, p. 157.

¹⁴ COLQUHOUN, Introduction to *Postcapitalist desires*, pp. 28-29.

Contudo, lembremo-nos do significado de alienação para Marx — para o chamado jovem Marx, já que o conceito de alienação depois dará lugar ao de exploração, como apresentado em *O capital*. A análise da alienação tem início nos *Manuscritos econômico-filosóficos* com o estudo do objeto alienado, estranho a mim embora eu o tenha produzido. O objeto se “defronta [com o trabalho] como um *ser estranho [alien]*, como um *poder independente* do produtor”.¹⁵ Quanto mais valor o trabalho cria, mais sem valor o trabalhador se torna — lógica infernal, dialética venenosa. Certamente, se o objeto produzido se assemelha ao monstro de *Frankenstein*, é porque o trabalho em si é alienado: os braços do trabalhador estão nos braços de outro alguém. Não vejo como acelerar o devir-*alien* seria algo bom nessa situação, nem como se entregar a fundos de pensão, por exemplo, seria uma forma de escapar da alienação desde dentro. Logo, eis algumas indicações preliminares:

Protocolo Alien, 3:
não aceite o mundo alienado,
não o intensifique,
não o desenvolva,
– interrompa-o

Mas devemos fantasiar, então, um tipo de identidade não-alienígena, um estado paradisíaco anterior ao mundo alienado do capitalismo? Pelo contrário, pode-se reconstruir o passado a partir do presente quando o presente rejeita o inferno, gerando um paraíso transitório: é possível iniciar uma crítica da alienação a partir de experiências que mostrem, de forma exemplar, de que tipo de defesa pode dispor um mundo que se oponha ao capitalismo. O paraíso não pode ser definido como um mundo que precede a história, porque um esquema como esse só confirma a visão linear de história dos vitoriosos, daqueles que acreditam no progresso e para os quais o passado é reificado como deveria ser o túmulo de Louise Michel, eternamente, de acordo com eles. É, portanto, de dentro e contra o curso imposto da história linear, não antes ou depois dele, que o paraíso torna real outra temporalidade, na qual as forças espirituais do passado e as forças especulativas do futuro se encontram. Assim é o comunismo alienígena, que se refere menos a seres do que a operações temporais, e no qual o comum é aquilo que emerge feito um clarão na noite de átomos melancólicos.

Protocolo Alien, 4:
o único caminho a percorrer é a saída

o o o o o o o o o

¹⁵ MARX, *Manuscritos econômico-filosóficos*, p. 80.

Não existem *aliens*, e sim um modo-*alien*

Não é, portanto, o *alien* em si que é amado, mas o amor é o afeto que nos mostra como nos relacionar com *aliens* no seio de um comunismo renovado. À medida que eu investigava a noção de *alien*, tornou-se claro para mim que pode ser um erro considerá-la um substantivo. Talvez devêssemos dizer: não existem *aliens*, e sim um modo-*alien*. E esse modo *alien* se divide em situações muito diversas, por vezes completamente opostas umas às outras: 1) ao transformar o fora em transcendência, numa fronteira, numa técnica imunológica, o modo-*alien* pode se concentrar e se fixar no poder do Estado, na disseminação espetacular que as redes sociais nos impõem a ponto de afetarem nossos circuitos neuronais; 2) ou pode se desafixar, deixar agir o fora que ele organiza, dando lugar a formas inusitadas de existência.



É por isso que devemos tomar cuidado com fórmulas como “somos todos *aliens*”, porque elas anulam diferenças políticas e existenciais fundamentais. Sou um expatriado, mas não estou em exílio;¹⁶ ser branco não é o mesmo que ser negro etc. Em vez de “somos todos *aliens*”, seria melhor dizer: nós somos todos atravessados por um modo-*alien*, mas não reagimos todos em uníssono, não simbolizamos o modo-*alien* da mesma maneira, não o vivemos da mesma forma, ou o amamos ou o odiamos.

Protocolo *Alien*, 5: amando o modo-*alien*

o o o o o o o o o o

O *alien* é o encontro com o modo-*alien*

Tendo em vista que o *alien* não é de início alguém, nem mesmo uma coletividade de sujeitos, precisamos mudar o foco de nossa atenção teórica e argumentar o seguinte: o *alien* é, em primeiro lugar, o encontro com o modo-*alien*. Se a ficção científica explorou amplamente a questão do encontro, é porque o extraterrestre expressa, por excelência, a opacidade do estrangeiro que vem ao nosso encontro e sobre o qual nada sabemos. Não sabemos se ele(a) nos quer bem ou mal, se ele(a) nos traz guerra ou salvação (esse é um dos temas, por exemplo, do filme *A chegada*). E é bem no coração desse encontro que a dúvida se insinuará: isso realmente aconteceu? Foi real ou imaginação? Teria eu sonhado com esse ser tão diferente? (A esse respeito, deve-se mencionar que o primeiro encontro entre uma marciana e um terráqueo, n’*As Crônicas marcianas* de Bradbury, acontece num sonho). Teria eu conhecido um humano se passando por *alien*, ou um *alien* se passando por humano? Paira a loucura e falta a língua, pois não há língua comum, especialmente quando nem sabemos o que é a língua para o outro (esses barulhos? esses sinais? essas cores?).

¹⁶ Cf. SAID, *Reflections on exile and other essays*. No Brasil, SAID, *Reflexões sobre o exílio*.

Isso ocorre porque, como em todo verdadeiro encontro, na Terra ou em qualquer outro lugar, o real está em jogo, no sentido definido por Bataille e depois por Lacan: se a realidade é o nome de uma possibilidade efetuada, o real é o impossível. Em todo encontro, algo se efetua e algo permanece impossível, ontologicamente não efetuable. O *alien* é o encontro com o que não pode ser totalmente captado, com o que só se apresenta para mim, para os meus sentidos e para a minha compreensão de forma obscura e não objetiva, proveniente do que, em cada sujeito, excede o sujeito, para alguém e para além dele. O *alien* é a experiência de não-relação interna à relação: assim como “não há relação sexual” (Lacan), pode-se dizer que não há relação alienígena – e é isso, na verdade, que torna o encontro possível, esse espaço vago, essa não-coincidência subjetiva definitiva que serve de fonte ao desejo.

E o que eu farei, então, com esse encontro? Atribuirei razão, humanidade, sensibilidade à outra pessoa, ou me recusarei a fazê-lo?

*“O problema não consiste em saber se [...] podem raciocinar; tampouco interessa se falam ou não; o verdadeiro problema é este: podem eles sofrer?”*¹⁷

O *alien* é o encontro, mas pode-se recusar o encontro, fazendo do outro, então, objeto de uma extorsão, de uma manipulação por parte do “senhor”, o poder colonial, ExxonMobil, *International Thief Thief* (Fela Kuti). Reduzido a nada, a quase nada, o outro torna-se um objeto na frente do qual um sujeito se encontra. Recusar o encontro, tornar-se imune a ele, destruir aquilo que o torna possível, transformar a não-relação alienígena em escravidão, em dominação, é recusar-se a tornar presente, a trazer para perto, o mais distante. Pois encontrar vem do francês *encontrer*, no sentido de encontrar em seu caminho algo que não se esperava, encontrar-se na presença de algo inusitado. O que surpreende é a proximidade súbita com o *alien*, mesmo que seja difícil mensurar essa proximidade e a distância que ela encobre. O título do monumental filme de ficção científica de Steven Spielberg de 1977, *Contatos imediatos de terceiro Grau*, sugere uma gradação nessa proximidade: há encontros de primeiro grau, nos quais se descobre traços que parecem ser de extraterrestres, depois há a visão de um OVNI, e assim por diante, até que se chega ao encontro supremo — o encontro dos rostos, mesmo que não se saiba de qual tipo de rosto se trata, ou se o *alien* tem mesmo um rosto.



¹⁷ BENTHAM, *Uma introdução aos princípios da moral e da legislação*, p. 69.



Arrival (Denis Villeneuve, 2016)

o o o o o o o o o

Leibniz com Lévinas num exoplaneta povoado por heideggerianos livres da síndrome de Heimat

O “rosto” do outro... Devo fazer justiça à filosofia potente de Lévinas, à sua explicação de como o outro precede e inaugura qualquer formação subjetiva. Como mostrou François-David Sebbah, o rosto, para Lévinas, não é uma propriedade puramente humana: qualquer ser, extraterrestre ou não, pode ser, potencialmente, o portador de um rosto, ou seja, pode ser o estranho que apela, mesmo que silenciosamente, à minha responsabilidade.¹⁸

Contudo, deve-se observar que o *alien* não define algo necessariamente transcendente (é só uma das possibilidades), e sim algo *queer*, inatribuível a uma única modalidade ontológica. Além disso, não me parece que devamos temer – como o faz Lévinas em *Totalidade e infinito* – que a alteridade necessariamente desapareça, absorvida pela interioridade de um sujeito (Lévinas tinha em mente Sócrates e o sujeito filosófico que descobre a verdade lembrando-se dela, numa anamnese, como explica Platão no *Fédon*, por exemplo). Pois a alteridade só corre o risco de se dissolver no *self* quando a subjetividade humana em si desaparece e se torna – como experienciamos hoje – uma superfície dividida recombinada de acordo com as demandas capitalistas, um objeto unidimensional moldado por tecnologias que buscam reduzir a diferença à identidade, a singularidade a uma trajetória previsível. Mas, fundamentalmente, a sentença de morte da exterioridade não é a interioridade em si, e sim as interioridades naufragadas e frágeis, que não conseguem mais funcionar sem vícios tecnológicos e drogas digitais, tornando-se refratárias ao fora que não são mais capazes de metabolizar, de simbolizar dentro de si mesmas.

A operação filosófica em questão consiste em mergulhar Lévinas na *Monadologia* de Leibniz (relida por Deleuze) para propor o seguinte: o outro não precisa ser salvo de ser incorporado, fagocitado por um sujeito, porque um sujeito é constituído pelo fora por meio do qual ele(a) existe. O Fora cósmico está contido na mônada, que inevitavelmente existe no fora:

“O ser-aí como mônada não precisa de nenhuma janela para conseguir ver algo pela primeira vez fora de si; não porque, como Leibniz pensa, todo ente já é acessível no interior da cápsula e, por isso, a mônada pode ser muito bem fechada e encapsulada em si, mas porque a mônada, o ser-aí, já se encontra, segundo o seu próprio ser (segundo a transcendência), fora, isto é, junto a um outro ente”.¹⁹

¹⁸ Cf. SEBBAH, *Alien-effect*.

¹⁹ HEIDEGGER, *Os problemas fundamentais da fenomenologia*, p. 437.

1) A exterioridade cósmica atravessa todas as mônadas, nas quais ela se invagina, condensa-se, entra em letargia, sonha, torna-se pulsão;

2) E a mônada existe no fora, onde acontece de encontrar o outro como um *alien*, o modo-*alien* com o qual seu impulso cosmológico entra em correspondência. Toda mônada é uma cosmônada.

Protocolo Alien, 6:
Forjemos mentes livres,
acordemos nelas o fora adormecido,
atualizemos o virtual alienígena sem imperativo de efetuação

o o o o o o o o o o

“Não é *alien*, e sim lembrado” (Toni Morrison com Gilles Deleuze)

“Não existem estrangeiros. Existem apenas versões de nós mesmos; muitas delas nós não abraçamos, e da maioria desejamos nos proteger. Pois o estrangeiro não é desconhecido, e sim aleatório; não é alienígena, e sim lembrado; e é o caráter aleatório do encontro com nossos eus já conhecidos, ainda que não admitidos, que causa um sinal de alarme”.²⁰

Se de fato o estranho é aquele que eu criei, e que uso para ocultar a minha própria estranheza, então, não, não existem estranhos. O que existe é o encontro ao acaso, mas no sentido em que é o próprio acaso que vem me encontrar. Esse encontro é o momento pelo qual meu próprio caráter estrangeiro é lembrado: uma estranheza virtual que não me ocupei de atualizar; espectros esquecidos no baú de promessas não cumpridas. O *alien* é o que retorna, não o que devém, confirmando a afirmação de Deleuze em seu livro sobre Nietzsche: “retornar [*revenir*], o ser do que se torna”, “revir [*revenir*] é o ser do próprio devir, o ser que se afirma no devir”.²¹ Portanto, o encontro com o outro não consiste em colocar duas entidades no mesmo espaço, com hora marcada ou em horário comercial; é, antes, na súbita correspondência de séries espaço-temporais divergentes, despertando o mais antigo nos elementos mais novos, que o encontro, mesmo que impossível, acontece.

o o o o o o o o o o

O Alienoceno: sem tempo e fora do lugar

Se o termo Antropoceno e todos os outros que se seguiram a ele – Capitaloceno, Plantationoceno etc. – buscam identificar nossa era, datar um momento de mutação que aconteceu no passado (tudo começou quando “x”, sendo “x” a colonização das Américas, a máquina de Watts, o teste nuclear no deserto no dia 16 de julho de 1945 etc.), eu proponho o termo Alienoceno para ir além dessa temporalidade restrita. O

²⁰ MORRISON, *The origin of others*, pp. 29-30. No Brasil, MORRISON, *A origem dos outros*, s./p.

²¹ DELEUZE, *Nietzsche and philosophy*, pp. 48 e 24. No Brasil, DELEUZE, *Nietzsche e a filosofia*, pp. 65 e 37.

Alienoceno refere-se a um passado que não aconteceu – as promessas não cumpridas de libertação e de revolução – em vez de se limitar a uma descrição fátual, e entende o apocalipse como a arma utilizada pelo poder para impedir eternamente que a justiça, o amor e a beleza deem forma ao futuro.

O Alienoceno certamente também se baseia num diagnóstico dos tempos em que vivemos, descrevendo o estado do mundo – mudanças climáticas, neofascismo, racismo imunológico etc. –, mas abre espaço para um pensamento que nos permite recusar o ensaio hipnótico da lista sem fim dos horrores que nos subjagam. Desprovido de tempo, porém pulsando no meio do tempo, o Alienoceno examina o mundo que existe a partir daquele que não existe, daquele que deveria existir, que deveria ter existido se um comunismo não-opressivo tivesse se concretizado. O Alienoceno oferece, como posição estratégica, o lugar nenhum, de onde as situações ocorridas no mundo podem ser avaliadas.

A ampliação espaço-temporal acarretada pelo Alienoceno excede a moldura terrestre de Gaia: é hora de parar de entender o cosmos como um apêndice da Terra, de finalmente reconhecer que a revolução copernicana aboliu a falsa clivagem entre o sublunar e o supralunar, a Terra e o Céu, aqui e lá fora etc. O Fora não está separado da Terra, ideia que apenas reintroduz um mundo pré-copernicano, uma separação entre um Fora Grandioso, lá longe, e a Terra, cá embaixo: o Fora está, virtualmente, em toda parte, apenas esperando que nossas atualizações sejam percebidas, imaginadas, pensadas, aqui na Terra ou em outro planeta — o Fora é geo-lógico ou marteo-lógico, venusino-lógico — e num outro tempo. É todo o cosmos que revela seu modo-*alien*, seu tempo e seu espaço alienígenas.

“A vigilância estatal tentou me dar a noção para pôr fim à ruminação de réplicas psíquicas mais profundas. Engajando-se com planos além daqueles de uma sensibilidade mais óbvia, experimenta-se o Sol como algo além de uma fornalha peculiar a uma distância cósmica ideal. Por isso, percebo-me como um cidadão no meio de outras duzentas bilhões de galáxias, determinadas por uma avaliação astronômica em andamento. De acordo com certas especulações, pareço estar banhado em feitiços de saturação alienígena. Desse ponto de vista, podem me acusar de criar tempestades usando manipulação ótica infernal, ou comprovar que possuo um código opaco e invisível, cheio de feitiçaria do tipo auditivo”.²²

Consequentemente, o Alienoceno é um espaço-tempo de conflitos:

1) Nele proliferam os *aliens*-colonizadores, os *aliens* geocapitalistas, os *aliens* do ecofascismo que veem os estrangeiros e os povos indígenas como espécies alienígenas, os *aliens* que tentam identificar tudo, deixar tudo organizado, definido, reduzir o mundo a partes controláveis para que consigam recombinar e prever tudo. Esses são os *aliens* que conduzem os aparelhos ideológicos do humanismo, que interpelam sujeitos

²² ALEXANDER, *Across the vapour gulf*, p. 17.

enquanto humanos precisamente por meio da exclusão daqueles considerados não-humanos, menos-que-humanos ou quase-humanos dessa categoria;

2) No entanto, como vimos com Fanon, existem “os outros”, aqueles que deixam o modo-*alien* falar em vez de tentar dominá-lo. De acordo com Althusser, os “aparelhos ideológicos de Estado” produzem um sujeito ao interpelá-lo, sendo a resposta uma forma de sujeição – como o policial chamando alguém que se vira ao ser chamado e, ao fazê-lo, subjuga-se, aceita a ordem e a lei. Mas, como observa Fred Moten, “acontece que, quando a polícia os chama, muitos não se viram, pois a experiência lhes diz que precisam correr”.²³ Não quero estender indevidamente a todos o que Moten diz sobre as principais vítimas da violência policial; mas, nos últimos anos, assistiu-se a uma intensificação dessa violência, tanto nos regimes populistas neofascistas de direita como nas social-democracias (como a França) que estão tendo dificuldades crescentes para manter suas políticas neoliberais. A esse respeito, a deserção das formas de subjetivação dominantes – dos aparelhos ideológicos de Estado aos aparelhos ideológicos do humano, incluindo a captura de atenção orquestrada pela neuro-engenharia das redes sociais – tem se provado cada vez mais decisiva, apontando para o maior desafio do protocolo *alien*: um novo regime de subjetividade que, atravessado pela força alienígena, faria surgir um comunismo do estranho.

o o o o o o o o o o

Um comunismo do estranho

O importante é perceber como o Alienoceno submete-se a fluxos não simétricos, compostos, por um lado, de *aliens* bárbaros e, por outro, de um modo-*alien* subversivo. De um lado, *aliens* no poder usando a categoria “humano” para impor sua política do progresso e, de outro, entidades capazes de deixar retornar o modo-*alien*, seja ele humano, não-humano ou inumano.

Portanto, um comunismo *alien* não consiste nem numa reapropriação da essência humana, nem num abandono do humano em prol de um pós-humano ou de um ciborgue. O objetivo, contudo, está longe de ser uma proibição fascista dos devires — aliás, os devires-trans devem ser endossados, medicamente e simbolicamente, pela sociedade; mas o devir-outro deve deixar espaço para o outro que retorna, assombrando o devir como sua parte maldita. Só teremos chance de escapar ao mandamento capitalista da transformação, do aprimoramento do corpo, de seu melhoramento incessante, se abrirmos tempo e espaço para o retorno (*le revenir*). Nesse sentido, o comunismo *alien*, assim como o comunismo dos *Manuscritos econômico-filosóficos* de Marx, está sujeito a um protocolo antropológico, ou seja, a uma reelaboração do humano. Mas a nova elaboração do humano que tento aqui esboçar não se submete nem ao ditame fetichista da tecnologia, nem à fantasia de uma organicidade não-técnica: o humano libera sua condição alienígena ao permitir a existência de uma natureza sem tempo, liberação possibilitada por tecnologias cosmológicas, ou seja, por tecnologias

²³ MOTEN, A *poetics of the undercommons*, p. 26.

entendidas como intercessões cosmológicas e não como operadores que forçam a extorsão da natureza.

Assim como o modo-*alien* não deve ser deixado nas mãos de *aliens* geocapitalistas, a política comunista do Alienoceno não pode deixar o fora para Elon Musk e para a economia extraterritorial, para aqueles que roubaram, capturaram e neutralizaram o fora.

Protocolo *Alien* 7: **Gerando o Fora**

O comunismo do estranho propõe, então, um protocolo alternativo, incompleto, incipiente, àqueles que querem se isolar em seu território, em sua comunidade, mas também àqueles que pensam que o capitalismo deve ser acelerado. Se há mesmo um “desejo pós-capitalista” (no sentido dado à expressão por Mark Fisher), ele não pode se limitar ao local, nem intensificar o global, nem ser puramente territorial, e nem mesmo apostar apenas nas vantagens absolutas da desterritorialização.

Protocolo *Alien*, 8: **Abrir cada território ao seu fora-do-lugar,** **cada presente ao seu passado-fantasma,** **cada parte da Terra à sua extraterrestrialidade**

Referências

- ALEXANDER, Will. *Across the vapour gulf*. New York: New Directions Poetry Pamphlets, 2017.
- BONA, Dénètem Touam. *Fugitif, où cours-tu?*. Paris: Presses Universitaires de France, 2016.
- BUTLER, Octavia E. *Lilith's brood*. New York: Grand Central Publishing, 2007 [No Brasil, em três volumes: *Despertar*. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Morro Branco, 2018; *Ritos de passagem*. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Morro Branco, 2019 e *Imago*. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Morro Branco, 2021].
- COLQUHOUN, Matt. Introduction. In: *Postcapitalist desires: Mark Fisher, the final lectures*. London: Repeater, 2021.
- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche and Philosophy*. New York: Columbia University, 2006 [No Brasil: *Nietzsche e a filosofia*. Trad. Mariana de Toledo Barbosa e Ovídio de Abreu Filho. São Paulo: n-1 edições, 2018].
- DERRIDA, Jacques. Faith and knowledge. In: DERRIDA, Jacques. *Acts of religion*. Ed. Gil Anidjar. New York: Routledge, 2002.
- ESHUN, Kodwo. *More brilliant than the sun: adventures in sonic fictions*. London: Quartet Books, 1998.
- FANON, Frantz. *The wretched of the Earth*. New York: Grove, 2004 [No Brasil: *Os condenados da Terra*. Trad. Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2005].
- HEIDEGGER, Martin. *Os problemas fundamentais da fenomenologia*. Trad. Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2012.
- MORRISON, Toni. *The origin of others*. Cambridge: Harvard University, 2017.
- [No Brasil: *A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura*. Trad. Fernanda Abreu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019].
- MOTEN, Fred. *A poetics of the undercommons*. New York: Sputnik & Fizzle, 2016.
- NEYRAT, Frédéric; ROSS, Daniel. The black angel of history: afrofuturism's cosmic techniques. *Angelaki*, v. 25, n. 4, pp. 120-134, 2020.
- NEYRAT, Frédéric. *L'indemne: Heidegger et la destruction du monde*. Paris: Sens et Tonka, 2008.
- REICH, Steve. *Come out*. Nonesuch Records, 1987. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aVXc9VeoB8>. Acesso em: 01 jun. 2021.
- SAID, Edward W. *Reflections on exile and other essays*. Cambridge: Harvard University, 2000.
- SEBBAH, François-David. Alien-effect: encounters of an other kind entirely. *Alienocene, stratum* 7, 2020. Disponível em: <https://alienocene.com/2020/06/07/alien-effect-encounters-of-an-other-kind-entirely/>. Acesso em: 26 mai. 2021.
- SINKER, Mark. Loving the alien/In advance of the landing. *The Wire*, n. 96, 1992 [No Brasil: *Amando o alien*. *Rizoma.net*: afrofuturismo. Disponível em: http://intervencao urbana.org/rizoma/rizoma_afrofuturismo.pdf. Acesso em: 26 mai. 2021].
- ZAKIYYAH, Iman Jackson. *Becoming human: matter and meaning in an antiblack world*. New York: New York University, 2020.

Recebido em 16 de maio de 2021

Aprovado em 11 de junho de 2021